

A PATRIA

ORGÃO REPUBLICANO DO CONCELHO DE OVAR

Director — Antonio Valente d'Almeida

Redacção: Rua de St. Anna

Propriedade da Empresa do jornal "A PATRIA,"

Administrador — Fernando Arthur Pereira

Rua das Figueiras

ASSIGNATURA

Em Ovar, semestre. 500 réis
Avulso 20 »
Para fóra da villa, accresce o porte do correio

Composição e impressão — IMPRENSA CIVILISAÇÃO

de Viuva Lemos & Gonçalves
RUA DE PASSOS MANOEL, 211 a 219 — PORTO

Annuncios: 1.ª publicação, 40 réis a linha. Repetições, 20 réis
Permanentes e reclames a preços convencionaes.
Communicados a 50 réis a linha. Aos assigna tes 25 % de abatimento.

O jogo

Lá está mais uma vez abordada a questão do jogo, sempre viva na epocha das praias. É uma necessidade, dizem os seus defensores, a permissão do jogo n'aquellas estancias; é isso que lhe dá vida, que as anima, que fornece mesmo aos não jogadores as delicias da bella musica, que attrahe gente, etc. Apenas se não discute se o jogo é indispensavel para se tomarem banhos ou ares do mar, o que de resto está na logica, sabido como é, que as praias onde se joga não são estancias de cura mas sómente mostruario de toilettes, aprimoradas e exquisitas e mercado annual de casamentos onde, como nas feiras de cavallos, quem vende quer enganar e quem compra deseja—*gallinha gorda por pouco dinheiro*... mas com muito dinheiro.

Mas vamos ao jogo. Deve ou não consentir-se o jogo d'azar? apenas nas praias ou em toda a parte?

Sem me preocupar com o resultado dos plebiscitos abertos por a imprensa que já consultou o paiz, visto que eu exponho apenas uma opinião inteiramente pessoal, entendo que o jogo deve ser permitido abertamente, sempre e em toda a parte, como um negocio licito e portanto com todas as responsabilidades legaes para quem n'elle entrar.

Calcula certamente quem me lêr que eu sou um jogador ferrenho e apaixonado; e afinal—vejam lá—eu não jogo a batota porque a não entendo, a roleta diverte-me apenas pelo saltitar gracioso da bolinha e pela anciedade que transparece no rosto de cada jogador, nunca, embora isso pareça extranho, me seduziram as alegrias patriarchaes do burro ou da bisca

em familia e nunca consegui chegar ao segundo roque do solo sem que uma invensivel somnolencia me dominasse, apenas interrompida por as descomposturas freneticas do parceiro a quem a minha distracção e... o meu somno haviam feito perder—pela mão. Realmente era ferro, confesso.

Sou pois insuspeito votando pelo jogo livre.

Ha dias a questão foi tratada no parlamento o que lhe dá fóros d'importancia, e ahí o sr. Luiz Gama, um deputado que apenas differe dos outros da maioria por ser, ao menos, espiroituoso, declarou com espirito e para fazer rir que transgredia a lei do paiz—isto é—que jogava a batota, obtido o successo da gargalhada que quiz repetir affirmou, sem protesto de ninguem que os seus collegas tambem jogavam, o que não é muito edificante. Votava pois pelo jogo.

É curioso que tendo nós igual opinião, eu seja contra o proceder do gracioso deputado. É que eu quero que se jogue livremente em virtude da lei que deve ser n'esse sentido reformada se assim fôr entendido; mas não quero que ninguem—nem mesmo um deputado engraçado—viole a lei. Se é má reforme-se, mas até á sua reforma cumpra-se a que vigora, porque uma má lei é ainda preferivel a um bom arbitrio.

Não desconheço que o jogo é a causa de muita degradação moral, da miseria de muitas familias, da ruina de muitas fortunas e que é finalmente um vicio.

Mas nenhum jogador o ignora.

Vicios são o fumo, o vinho e até muitas vezes a prostituição e ninguem ainda se lembrou de os prohibir. Vicio é muitas vezes a caça e varios outros generos de sport e porque prendem por completo os que a elles se entregam desordenadamente, provocam desastres financeiros que le-

vam á ruina e á miseria muitas familias.

Mas especialmente o vinho e a prostituição não serão de consequencias mais desastradas ou pelo menos tanto como o jogo? E ninguem ainda pediu que se fechassem as tabernas nem os prostibulos.

Nem ainda se prohibiu a venda do tabaco antes se procura facilitar a não obstante a reprovação que o seu uso merece á medicina.

Eu desejaria que não houvesse vicios, mas revolta a todo o espirito verdadeiramente liberal a tutella que a prohibição d'elles por parte do estado, importa a todo o cidadão. Pois póde por ventura admittir-se que o estado teve a sua acção até ao intimo, ao modo de pensar e de proceder de cada cidadão? Isso seria altamente vexatorio e praticamente de execução impossivel.

Não. Que cada um se defenda dos perigos que o cercam quando essa defeza não esteja por sua natureza e por o conjuncto de medidas a tomar, dentro das posses e da obrigação do estado, cuja intervenção só n'este caso é legitima.

Libertemo-nos da acção asphyxiante dos poderes publicos em tudo o que a energia individual seja sufficiente para essa defeza e aquelles que succumbem porque o vicio dominou a razão, estabelecem uma selecção social conveniente e vantajosa.

Mas o que sobretudo eu não tomo a serio é a tal permissão periodica do jogo. Nas praias não tem elle inconvenientes, pouco importa que se arruinem casas, que se desgracem familias; lucra a povoação, pouco importando tambem que esse lucro seja criminoso porque é illegal. São pois os inconvenientes do jogo como as sezões; voltam em temporadas fixas!

Emfim: os defensores d'este systema mixto de ampla permissão em epochas e localidades privilegiadas e du-

ra repressão, fóra d'ellas mostram querer apenas o jogo peralvilho, janota, de chapéo Panamá, fato de flanela branca, meia de sêda e sapato de sola de borracha, camisa fina que a ausencia do collete mostra. Um jogo dandy, D. João, de sociedade, emfim um jogo... *catitinha das praias*. Approvo mas com uma condição. Quando os illustres deputados votarem esse projecto, em vez do *sêco approvo* ou *rejeito*, deverão os que approvam dizer sómente: *Sóbe, oh catitinha*.

Toribio.

A OBRIGA

AVINAGRADOS

O «Correio da Noite», diario que fez em tempos a campanha porca da Wivete, todo agora se arrufa pelo que convencionou chamar os *desmandos* republicanos.

Pudendo e pulcro varão!... Acode-lhe a côr ás faces pelo que ha nos nossos comicios, nas nossas conferencias, nas nossas sessões festivas. Os discursadores do nosso partido, a nossa imprensa, nada mais fazem que trazer a publico os factos e commental-os com bonhomia, mas o da Wivete nem por isso deixa de gritar que nos desbomamos, que damos ao grande publico mentiras, calunias, e grandes frases de braza rubra. E a pelo, como glosario constante, repuxa ao papel a França, onde os republicanos são isto, onde o governo é aquele despota, aquele malvado, aquele cinico; ou aquele etc. A França!...

Sabem lá estes nossos politicos caciquescos o que é a grande nação...

A França republicana herdou do imperio monarchico o desmembramento, a assolação, todo um paiz saquedo, arruinado da guerra; colheu a revolução da comuna, herdou uma indemnização á Alemanha de 4 milhões de francos, e ao cabo de trinta e tal anos de republica, senhora da segurança interior encontra-se de posse de tão fabuloza riqueza que nenhum outro paiz a iguala, constituiu a segunda esquadra do globo, e equipou quatro ou trez milhões de soldados, num admiravel exercito a que nada falta, em material e em força. Nas intercorrencias fez a guerra de Madagascar e sua definitiva conquista, teve campanhas no extremo oriente, e fez da Arjelia e Tunizia uma colonia que é hoje uma bela Fran-

ça africana. Na metrople fomentou imenso o progresso agricola, concluiu a réde ferro-viaria, desenvolveu em alto gráo a instrução, abriu canaes de irrigação navegaveis e custozissimos; e fez da terra franceza o paiz de melhores e mais estradas de quantos o mapa conta.

Patrocinou o movimento associativo, fundou as *caisses d'epargne*, instituição admiravel, e no exterior fez a aliança russa e a *entente* ingleza, conseguindo assim izolar a Alemanha. Tem pontos negros:— a pena de morte, (já cá a temos, lei de exceção) o centralismo politico, o militarismo absorvente; os dois ultimos, sendo necessidade replexa do *irredentismo* germanico.

Não é um paiz ideal e não é ainda uma democracia perfeita, todavia, é de todos os paizes o de maior e mais alto avance. Quanto a repressões e sangueira é vêr como a força armada, em Vigneux, tentou fugir aos conflictos; e comparar com a policia e a guarda, irresponsaveis, provocando-os, preparando-os, inventando os.

Teve a França «Panamá», affaire «Dreyfus», e «o milhão de cartuchos»; o primeiro um crime de financeiros, — pagou-se nos tribunaes; o segundo, um conluio da reacção, liquidou se pela exautoração dos infames e rehabilitação plena dos martyres; o terceiro um *guet-apens* a Combes, e, apenas por suspeições, lá foi o primeiro ministro prestar contas de si á lei. Em Portugal, não ha isso, as nossas dinastias politicas sendo côro celestial de virtudes, e os nossos estadistas vestaes de vida publica immaculada e inocente. Por isso «O Correio da Noite» com mil razões nos acuzar, e a de ingratos não é somenos.

Nós falamos alto e bom som e não possuímos direitos,— isto é doutrina pratica velha.

Que nos admitam como portuguezes para o pagamento de impostos, para toda a casta de vexames e para o patrio serviço, ainda isso se considera boa doutrina juridica, e vamos lá que é andar com sorte.

Porque nos podiam atirar ás ondas, arrebatarnos lár e fazenda, e os quatro palmos, até, do chão santo onde se nasce e trabalha, o chão caro que idolatramos.

Ah! positivamente, é uma condescendencia que agradeçamos com a acusação formal... ingratos como nós somos. Que caia pois, sobre nós a colera do ceo rotativo, e novas Vesperas Sicilianas não deixem com folego vivo a republicano nenhum.

Ah! sim,— que São João Franco nos valha...

Antonio Valente.

ECOS DA SEMANA

Os popes

Como os russos se disponham a festejar, brevemente, o jubileu de Tolstoi, reunidos, os popes lembraram ao *santo sinodo* que prohibisse a brilhante festa.

A ideia talvez seja aceite, tanto mais que o velho Leão Tolstoi é um excomungado da igreja russa... o que lhe não tira o apetite, nem os passeios a pé, nem a poderosa beleza firme do seu cerebro d'eleito. Tudo em nome e para gloria do Cristo, e tudo contra o escritor venerando que, alem de ser um grande jeniio literario, é tambem o representante mais puro do espiritalismo cristão, e do ideal misticismo humano.

O boca d'ouro

Final da peça oratoria de João Arroio, nos pares:

«A patria portugueza esvae-se, morre. Urge que se lhe dê sangue novo de que ela carece. A frase do poeta: saiba morrer o que viver não soube» ele oporá esta: «saiba viver o que morrer não deve».

Parece um trecho smorzado da ultra divina opera, e afinal é a agua chilra inodora de um ex-ministro que, segundo certas historias, ajudou, consoante poude, a definir que lamenta.

Admiravel Arroio!...

A Meia Laranja

Retificamos com agrado que a camara, antes ainda da nossa *blague* lhe chegar ao conhecimento, procedeu ao reparo da *meia laranja*. Por ahi pois—muito bem. Quanto á noticia illudiu-se o *Jornal d'Ovar* com o significado aparente...

Aquilo foi uma forma *modern style* do noticiario da casa, que farto do logar comum cega-rega, «recomendamos á camara» «lembremos» «reclamamos providencias» se rezolveu por aquele truce de espirito. N'ele caiu o colega apesar do abrigo dos anos, e do saber de experiencias feitas, e é, até nisso, que está o chiste da delectavel noticia...

Arquivo

A *Independencia de Agueda* transcreve a cronica agricola «O Porco» publicada neste jornal.

—Visitou-nos a Liga de Instrução Nacional, falaremos d'ela no numero proximo.

Ao «Jornal d'Ovar»

A *Patria* deseja sempre tomar para si a responsabilidade do que escreve, lastimando servir de pretexto para a expansão de *qualquer má vontade pessoal*. Este jornal, no seu plenissimo direito de livre critica, extranhou a ausencia das auctoridades locais á festa escolar, no que de resto foi acompanhado por todos os outros collegas.

Mais uma vez nos louvamos da nossa extranheza, pois, se o representante do *Jornal d'Ovar* ou as auctoridades, a que elle se refere n'um *suelto*—*Ainda a festa escolar*, tivessem assistido á sessão solemne, não haveria occasião para editar umas phrases, que diz ter pronunciado o nosso querido amigo snr. dr. Chaves, e que são *redondamente falsas*. O proprio *Jornal d'Ovar* deve, depois de nos lêr, ficar magoado por ter sido malevolamente informado e não

terá duvida em rectificar depois de verificar a exactidão das nossas affirmativas, pois não queremos nem devemos suppôr proposito de propalar falsidades.

Quanto aos snrs. administrador e presidente da camara, que agradeceram ao jornalista o conceito, que d'elles fórma, pois os julga capazes de apoiar *insultos* ao nosso povo. Nós temos d'elles melhor opinião e ousamos crer, que, se os seus deveres profissionais os não tivessem impedido de comparecer, teriam protestado contra *taes phrases*, se por acaso fossem pronunciadas. O nosso amigo, porém, era e é absolutamente incapaz de praticar injustiças. Tambem não discortinamos, porque «o presidente da festa escolar hade conhecer melhor do que ninguém», a sovinnice do nosso povo. Salvo erro, a faina jornalística deve ter dado aos trabalhadores do *Jornal d'Ovar* especial competencia para conhecer os costumes vareiros e para verificar a sovinnice não lhes será preciso o esforço de investigar fóra da *empresa*. De resto estamos convencidos de que o *suelto* não beliscou de leve sequer o snr. dr. Chaves, que está muito superior a insinuações insidiosas, mas magoou-nos a nós que involuntariamente lhe demos origem e porque não estamos habituados a *taes* processos jornalísticos.

ARA

A' Virgem Santissima

Cheia de graça, Mãe de Misericordia

N'um sonho todo feito de incerteza,
De nocturna e indizível anciedade,
E' que eu vi teu olhar de piedade
E (mais que piedade) de tristeza...

Não era o vulgar brilho da beleza,
Nem o ardor banal da mocidade,
Era outra luz, era outra suavidade
Que até nem sei se se ha na natureza...

Um místico soffrer... uma ventura
Feita só do perdão, só da ternura
E da paz da nossa hora derradeira...

O' vizio, vizio triste e piedozal
Fita-me assim calada, assim choroza...
E deixa-me sonhar a vida inteira!

Antero de Quental.

Interesses municipaes

No ultimo numero do *Jornal d'Ovar* edita-se uma pseudo-resposta ao nosso passado artigo, em que se pretende mais uma vez fazer a contestação dos nossos asertos. Divide-se a eximia prosa em duas partes. Na primeira, sem a philosophia de Demócrito nem a jograldade de Tolentino, forceja-se por ter *chulaga* espirituosa e, valha a verdade, attinge-se o fim pelo effeito do contraste, o que nos sacode o diaphragma em desopilante gargalhada. applicam-se nos adjectivações ironicas, que, nem que fossem sinceras, nos não impressionariam nem ao de leve e passa-se nos attestado de bom comportamento, para que a collectividade tem competencia legal, o qual agradecemos, porque não cultivamos a ingratitude, mas que dispensamos por d'elle não carecermos.

Na segunda pretende-se destruir a nossa doutrina, e faz-se isso com uma habldade, que não corresponde aos consagrados meritos intellectuaes do polemista. Se elle nada sobre as aguas como *nada* sobre o assumpto, não correrá o perigo de morrer afogado, porque

fugirá da submersão, como o diabo da cruz. Assim, occultando uma parte dos nossos escriptos, mutilando outra e tirando illações forçadas do resto, o *Jornal d'Ovar* chega a conclusões, que não podem deixar de enfermar dos aleijões das premissas.

Trata-se o assumpto a rir e de animo leve, quando quer a sua importancia quer a situação do articulista exigiam, que fossem ventilados a sério e com acurado estudo os problemas, que temos versado, pois, embora á *contrecoeur* e *post tot tantosque labores*, já veio a confissão da utilidade das obras, que temos preconisado.

De toda a materia por nós exarada n'este periodico sob a epigraphe supra extrae-se unicamente o *hospital e cemiterio* e ainda para se tirar *effeito scenico*, com a subrepticia intenção de com o episodio *faceto* encobrir a errada resolução, que se deu a um, e cobrir a retrada, com que se pretende fugir do outro.

Recorre-se tambem á habitual *insidiosinha*—ou então é delirio de perseguição—, attribuindo-nos *má vontade* contra a camara, confundindo-se critica livre e independente, que é muito do nosso legitimo direito, que não deixaremos usurpar, com ataques tendenciosos, que não está no nosso temperamento nem na nossa feição mental. Podemos,—e selo-hemos porventura muitas vezes,—ser infelizes na critica por deficiencia intellectual ou superficial conhecimento da materia, mas no que temos dito dizemos e continuaremos a dizer, não visamos *peçoas*, pois á nossa apreciação apparecem simplesmente actos administrativos praticados *não nos importa por quem*.

Creia o illustre adversario, que, se as cadeiras senatoriaes fossem occupadas por correligionarios nossos, que tivessem a orientação por nós condemnada, teriamos a independencia e disciplina mental sufficientes para fazer os *mesmos* reparos e preconsisar os mesmos melhoramentos.

* *

Mas já que o nosso antagonista enferma de completa amnesia, que não temos o direito de suppôr simulada, a respeito de tudo o que temos tratado, menos *hospital e cadeias*, é do nosso dever correr em seu auxilio, avivando-lhe a memoria com a recapitulação schematica dos nossos artigos. Assim começaremos:

1.º artigo. Saude publica. Creação de um logar de *parteira* municipal. Exgoto para a rua das imundicies domesticas, que correm a *céo aberto* pelas valétas da villa. Fóco perigosissimo da *viella collectora* dos Campos.

2.º Cadeias e hospital.

3.º Replica sobre o mesmo assumpto e indicação de varias fontes de receita—Mercado.

4.º Replica sobre o mesmo assumpto.

5.º Ma's uma vez o assumpto hospital.

6.º Ainda sobre hospital.

7.º Arborisação das ruas e estradas, util esthetica, hygienica e economicamente.

8.º Planta da villa e avenidas.

9.º Mudança do cemiterio, como condição da abertura d'uma larga avenida de acesso á via ferrea; ligação da villa com a estação pela formação de um *bairro novo*.

10.º Replica sobre o assumpto

cemiterio; accusação da camara pelo *abandono*, em que deixa *tudo*, mesmo aquillo, em que não é necessario *dispendir dinheiro*.

E aqui tem o *Jornal d'Ovar* a prova de que se esqueceu de muitos assumptos por nós bem ou mal tratados, ou não lhe *conveio* responder na altura competente, cabindo na falta de que nos accusa, isto é de restringir a resposta aos dois themas: hospital-cadeias e cemiterio. Pois, apesar de concentrar toda a sua attenção em circulo tão pequeno, nem por isso nos parece que o nosso contendor tenha sido muito feliz na argumentação. Começou por negar a *possibilidade* de se obter das estações tutelares a approvação de um projecto do *hospital novo*, pois que as despesas a fazer não pertenciam á classe das *obrigatorias*, e chegou até á cerebrina affirmação de que aquelle edificio *não era uma obra util (!!!)*. Commette a ousadia de afirmar, que a camara era obrigada a construir edificio para *correios e telegraphos, alojamento de forças*, etc., o que é absolutamente falso, e resvalando pela pendente da... infelicidade, cae na peregrina conclusão de que o actual pardieiro, podia, reparado, dar *hospital razoavel e nunca cadeias soffríveis!!* E diz-se que Nosso Senhor é vingativo...

Apertado com perguntas directas, continua na evasão manhosa e responde-nos de maneira que qualquer individuo medianamente illustrado e alguma coisa cioso da sua intellectualidade engeitaria paternidade das respostas.

Calculamos a *má vontade* com que se vem confessar *agora*, que o hospital é util, mas *não necessario, porque a lei não exige a sua existencia (!)*

Esta razão é de assombrar ainda os mais prevenidos! Engole-se permitta-se o termo, a impossibilidade da approvação tutelar, e declara-se que a camara a poderia obter pelo mesmo pro isso, que obteve a das cadeias, *mas não quiz!!* Esta resposta tem a attenuante da franqueza. Mas não param aqui as respostas teratologicas Assim diz-se que o movimento populacional das prisões é ou deve ser superior ao do hospital, como se alguém tivesse culpa de se admittirem poucos doentes ou de a estes repugnar a entrada no *infecto e immundo casbre*; que, se o actual edificio podia ser apropriado a cadeias, tambem o poderia ser a hospital, etc.

N'estas condições, não sendo licito attribuir a puerilidade das respostas a deficiencia de percepção, pois temos muita satisfação em reconhecer vantajosos dotes intellectuaes ao nosso antagonista, forçosamente tinhamos de nos convencer que a lealdade e a sinceridade se achavam ausentes da polemica, competindo ao nosso brio abandonar o adversario n'esta questão. Foi o que fizemos. Muito amigos dos interesses da nossa terra proseguimos na reclamação de outros melhoramentos locais até que nos accudiu ao bico da penna a mudança do cemiterio, onde esperamos não ser enterrado ainda d'esta vez. Teudo guardado o prudente silencio do Courado, o nosso adversario surge-nos de surpresa e, se nos não assusta apesar do logar ser lugubre, é porque temos a consciencia tranquilla e não acreditamos em almas do outro mundo. D'esta vez ha um unico *caballo de batalha* e vem a ser a

falta de dinheiro. Declaramos muito peremptoriamente, que não precisamos de penetrar os *escaninhos* orçamentologicos da camara para affimar *à priori*, que está dentro dos seus recursos a mudança do cemiterio. Foram *seis* as razões apresentadas para justificar a mudança, sendo qualquer d'ellas isoladamente sufficiente para o fazer, mas ao articulista só convieram *duas*.

Pouco importa; com essas mesmas lhe demonstraremos, que do nosso lado está a verdade. Este artigo vae longo, porém, e nós não temos o direito de encher o jornal. No proximo numero fallaremos ou antes escreveremos sobre cemiterio e criação de receitas.

Não queremos deixar de dizer hoje que quem afirma *gratuitamente* é o illustre articulista, quando nos nega a posse dos elementos necessarios para conhecer, que o cemiterio não está nas condições legais, e que o seu terreno estará soturado em breve prazo. Se o nosso contendor quer *ensaboar-se* sobre a geologia dos terrenos arenosos, qualquer livrinho da Bibliotheca do Povo lhe fornecerá os conhecimentos necessarios para a occasião.

Fabia Cunctator.

TRINDADE COELHO

Com uma bala no coração, pôz termo á sua nobre existencia este illustre homem, abrindo a sua morte uma sensivel lacuna na magistratura, na publicistica democratica e nas letras. «A Patria», prestando homenagem ao caracter do homem integro e á sua poderosa cerebração, reconhece com sentimento que é uma perda real, para a nossa terra, a trajca morte do autôr do «Manual Politico».

A Industria em Ovar

Uma visita á officina da Companhia Real dos Caminhos de Ferro.

Quadrilongo vasto, fronteiro á estação d'esta villa, de ha muito o casario sonoro da modelar officina nos namorava á visita ao seu bojud e afañoz arcaboço.

Calhou por uma manhã de nuvens e sol, com uma pontinha de vento fresco, tempo *beautiful* como dizem os insulanos d'alem Mancha; e lá fomos com o motivo de pontes sabidas para o lanço da via ferrea que, a juzante de Coimbra, transpõem o calmo Mondego. Viuham da Belgica ou França, em outros e ainda proximos tempos, essas cá se fizeram e com resultado magnifico, batendo na solidez muito do que a estranja nos manda sem indicações de sucata. Ciceroneava o intelijente operario Manoel Moreira, excelente amigo, e desde a entrada té ao sair da hora e meia *d'enquete* explicando, com pitoresco e viveza, a circulação vital do gigante.

A officina da Companhia conta, no seu lidar de fornalhas, bigornas, martelos, na sua faina do ferro e aço, o melhor de cento e cincoenta creaturas solidas, de bom aspecto, de belo porte, amáveis e bem ao par do *métier*.

Dirije-a o perfeito homem de bem e distinto profissional o ex.^{mo} sr. Antonio Gaiozo da Penha Garcia. Por esforço proprio, por sua culta tenacidade, obteve que se elevasse a humilde instalação primitiva á officina florente e grandioza que é hoje em dia a officina de Ovar, estabelecimento que honra a intelligencia e o trabalho nacional.

Em todo o vasto recinto, ane-grado da fumarada e das poeiras metalicas, vê-se que uma ordem completa derivada naturalmente da especialização de funções, e da disposição satisfeita do pessoal inferior, vijilantemente mantem a harmonia e a respiração da colmeia de tantos braços, honradamente trabalhadores.

E' que o dirigente, além dos predicados de superior, é o mais afavel homem do mundo e tem, em auxiliares como Antonio Esperança,— que sorridamente nos cumprimenta,— o mais devotado, mais entendido concurso.

Na officina de Ovar, onde a diaria de trabalho é de dez horas —já não longe pois dos tres oito— e onde os salarios são relativamente remunerados, encontra o tecnico, e o mesmo simples curiozo, toda a complicada ferramenta que dá o tom de modelos ás similares mais perfectas. Todo o largo recinto, em divizões de serviço, nos apresenta os maquinismos modernos, os inventos sabios, as peças fortes e ducteis, toda uma imensa engrenagem que um operariado profissionalmente adaptado, habilmente, põe em serviço. Desde o plano, em ferro para a execução de desenhos, logo ao entrar no edificio a impressão do vizitante é de agrado e attenção. Casos de carpinteiro e arrecadação dos modelos de fundição, á direita; á esquerda e ao norte o hangar iluminado da soalheira viva onde arfam, sob o serviço, as chamas e as ferragens das nove forjas de ventoinha.

Mós para desbaste do ferro, aparelhos que o desempenham como quem apruma ou encanuda papel, tórnos aonde o aço fino se róscas com maleabilidades ceramicas, aplainadeiras, onde, como se foram de pinho mole, se aplainam rapidamente as grossas chapas metalicas, o todo maravilhando pela simplicidade e exatidão do trabalho. Casa da machina e dos dinamos, o vapor e a electricidade, Watt e Edison acamaradando, com representação superior. Maquina de 40 c. e regulador automático, dinamos de 36 e 90 ampéres; do vapor pelo eixo jeral sae a energia transmissora, o movimento das rodagens; dos dinamos faisca a luz e vibra ondulatoriamente para todos os pontos da casa, a potencial electrica. Bela secção, bem cuidada aonde os cobres reluzem, e onde, por pouco se obteria o matinjável milagre da passagem integral da força. Na prosecução da vizita, ao sair, uns braços que cortam e que perfuram o ferro, nem os senhores calculam com que apuro e presteza, e a que, talvez pelo officio, lá chamam *saca-bocados*, outros que mandrilam os furos com uma arte de prestimanos, e ainda outros que fazem, em ferro, trabalhos belos de serração. Ah! as divindades do aço, do vapor, da electricidade, umas pequenas como bujngangas do madismo, outras enormes e formidavelmente submissas, por toda a parte nos cercam, dão-nos a impressão forte e

duravel de uma cidade de titans. Mostram-nos um acumulador hidraulico, aquele Anteu, que dois dedos de uma creança fazem subir e descer, vale a carga de 25.000 k.^o e a bem bonita pressão de 100 atmosferas. D'essa pressão accionante é que as cravadoras portateis absorvem a força viva, de encontro á qual são cravadas as secções de ferro das pontes; um interessante trabalho que nos demora uns minutos de admirativo mirar. Ao lado, a ferro e a braço, dá-se uma malta de operarios a pregar rebites nas chapas, que assim ficam acazaladas, num matrimonio mais duradouro que os do arco da igreja. E' o ultimo tramo para a ponte da linha ferrea sobre o arcadico Mondego, mais umas horas, e lá seguirá em vagons a obra que Antonio Gaiozo, com tão belo exito, creou. Entretanto, eis-nos chegados ao fim, com a pressa que nos dava ás gambias o almoço por engulir.

Aquilo é magico — sem duvida, e mereceria mais uns reparos, mais uma hora, tardeira, de attenção e vizita. Mas o peor é o almoço, e, ó meus caros,— nem só de ferro se vive... quando se está em jejum. Desculpem pois, e eis-nos fóra de um salto, agradecendo, em tocarola de amigo, aos cicerones amaveis—a instrutiva vizita. Muito obrigado. Adeus... e cá viemos compôr, á pressa, esta sinjela noticia.

CHRONICA AGRICOLA

XII

Resinagem de pinheiros

Ha uns annos já, talvez uns 8, fallou-se e discutiu-se muito em Ovar a resinagem de pinheiros, as suas vantagens e inconvenientes.

Andou mesmo o agente d'uma companhia hespanhola a fazer a contagem dos pinheiros que a isso se prestavam e afinal tudo se malogrou como se malograra igual tentativa feita ha muito mais annos junto da camara, quando ainda havia a bella matta municipal.

A resinagem consiste na extracção de resina ou seiva do pinheiro para aproveitar para fins industriaes. A' 1.^a vista parece que isso trará como consequencia necessaria e immediata a morte da arvore ou um enfraquecimento tal que rapidamente a mata.

Não é porem assim; nem é só o pinheiro que se sujeita a essa operação já em remotos tempos isso se fazia nos cedros do Lybano e nos therabintos e—o que é mais curioso—os processos empregados por os gregos e syrios na extracção dos succos resinosos não differia muito, segundo a descripção de Plinio, dos processos actualmente usados. E' bem sabido por todos que a borracha de tão variados usos e applicações, é extrahida por identico processo d'uma arvore.

Segundo experiencias feitas e repetidas no estrangeiro e até no nosso pinhal de Leiria onde ha muito se pratica a resinagem, não influe esta consideravelmente no crescimento dos pinheiros, o que se tem observado por estarem em geral da mesma altura os pinheiros resinados e os não resinados. Influe todavia um pouco no seu diametro visto que os resinados engrossam mais morosamente. Resta pois saber se convirá fazer essa operação. Eu entendo que sim desde que se observem uns certos preceitos e cuidados.

Em 1.^o lugar não se deve consentir na resinagem de pinheiros com menos 30 annos d'idade e bem desenvolvidos. As incisões devem ficar de 0,110 a 0,112 umas das outras, em duas ordens, podendo ser feitas n'uma só ordem quando o diametro do pinheiro exceda 0,130. O numero d'incisões augmenta com o diametro do pinheiro podendo nos mais velhos e fortes abrir-se 6 incisões.

Não transcrevo todas as prescripções dos technicos sobre esta operação porque não estando, segundo julgo em via d'execução qualquer contracto de resinagem isso tornaria, sem utilidade, muito extensa a chronica.

Os mezes de maio a setembro são os de melhor colheita; os resineros porem, abrem a incisão em março e alguns começam os

trabalhos preparatorios em fevereiro o que é inconveniente.

Resta saber se em face do prejuizo que cauza por impedir o pinheiro d'engrossar tão rapidamente como devia, será de boa administração a resinagem. Creio não haver duvida em responder affirmativamente.

Uma comissão de technicos que em 1880 estudou a resinagem no pinhal de Leiria calculou que ella trazia a perda de 15 ou 16 m. cubicos de madeira por hectare. Transformavam-se elles na resina que se colhia. O agente da companhia que aqui queria montar esse serviço offerencia—salvo erro— 30 réis por cada 2 incisões e por anno, pagando bem todos os pinheiros que seccassem.

E' de vêr, pois as vantagens e lucros da resinagem.

A madeira de pinheiros resinosos é mais compacta e duradoura sendo preferivel para as construcções.

Ha quem use a resinagem á morte o que só pode ser aproveitado quando se quizer cortar immediatamente os pinheiros.

Consiste em aproveitar os mezes da colheita para fazer tal numero d'incisões que se colhe toda a resina, e a arvore morre; em seguida, no inverno corta-se a arvore aproveitando-a para madeira ou lenha.

NOTICIARIO

Dia a Dia

No dia 10 fizeram annos a sr.^a D. Sophia Pinto d'Oliveira Vaz e Vidal, esposa do sr. José Vidal, a menina Rachel Soares da Silva Cerveira, filha do sr. Silva Cerveira, e o sr. Manoel André d'Oliveira Junior.

As nossas felicitações.

—Partiu para o Furadouro, afim de fazer uso de banhos, a sr.^a D. Emilia Augusta dos Santos Carrelhas.

—De regresso de Vizella, esteve de passagem n'esta villa onde veio de visita com sua familia o sr. Manoel José de Pinho, o qual já se retirou para Lisboa onde é bemquisto industrial.

Inspecções

Como ha tempos dissemos, principiam no proximo dia 17 no edificio da camara as inspecções sanitarias aos mancebos recensados n'este concelho no anno corrente para o exercito e armada, as quaes se levam a effeito nos dias abaixo indicados pela seguinte ordem de freguezias:

Dia 17—Arada e Maceda.

Dia 18—Cortegaça e Esmoriz, até ao mancebo Antonio Americo Gomes da Silva.

Dia 19—Restantes d'Esmoriz e S. Vicente.

Dia 20—Ovar, até ao mancebo Francisco Augusto d'Oliveira Mendes.

Dia 21—Ovar, do mancebo Francisco Corrêa Lopes até a José Marques Peneda.

Dia 22—Ovar, desde o mancebo José d'Oliveira Borges Bandeira até Manoel Pereira Peralta.

Dia 24—Ovar, os restantes ou sejam do mancebo Manoel Pereira da Rocha até Serafim Soares Presas, e Vallega, até ao mancebo Antonio Maria da Silva.

Dia 25—Os restantes de Vallega.

Nova firma

De Villa Nova de Gaya, onde acabam de montar uma fabrica de sabão, com a denominação de «Saboaria Aurora», participamnos os snrs. Amadeu Maria Martins, antigo gerente da «Varina», e Armando Cardoso Lopes, que se constituiram em sociedade para a exploração da industria de saboa-

ria, sob a razão social de Amadeu & Cardoso.

A grande pratica que d'esta industria tem o sr. Amadeu Martins e a seriedade que dos dois socios ha a esperar, são sobeja garantia de futuras prosperidades.

Assim o desejamos aos novos industriaes.

Vales do Correio

No anno economico de 1907-1908 foram pagos na recebedoria d'este concelho 3:219 vales do Correio, na importancia total de 82:951\$130 réis.

Desacatos

Continua a auctoridade administrativa a não providenciar sobre os desacatos que quasi diariamente se estão dando no bairro da Estação, contra os quaes já reclamamos. Pois mais um caso se acaba de dar, que para conhecimento d'aquella auctoridade pasamos a relatar.

Na noite de segunda para terça-feira um grupo de meliantes dirigiu se já depois das 11 horas, a casa d'uma desgraçada mulher, vociferando alli ameaças e torpezas de tal jaez que causaram na grande parte d'aquelle populoso bairro viva indignação.

E' um caso vulgar alli, dirão, e exactamente por ser vulgar é que não seria difficil a quem compete pôr cobro a taes desmandos. Punido um, os outros temer-se-iam.

Serviço do correio

Queixa-se-nos o nosso amigo José Rodrigues Figueiredo de ter sido indevida e indelicadamente tratado pelo director do correio d'esta villa—é claro, no exercicio de funções, e por isso merecendo sua Ex.^a o reparo e a censura da opinião digna e justa. Melhor que nós sabe o sr. Director do correio o que em materia de urbanidade e de dever profissional estritamente lhe cumpre... portanto, não insistimos.

Actos e exames

Na Universidade de Coimbra fez no dia 6 acto da 14.^a cadeira de direito (4.^o anno), ficando approved, o nosso conterraneo Antonio Zagallo dos Santos.

Na escola Conde de Ferreira d'esta villa está-se procedendo aos exames d'instrucção primaria do 2.^o grau.

O resultado final até ante-hontem obtido foi o seguinte:

Dia 5—Approvedas—Cecilia de Oliveira Maia, Laurinda Amelia Corrêa Marques, Maria do Ceu Salvador d'Oliveira, estas d'Espinho, e Maria Amelia Marques da Silva, d'Esmoriz.

Dia 6—Approvedas—Maria Rosa de Sá Ferreira, d'Esmoriz, Adelaide Caldas Duarte Silva, Beatriz Lopes dos Santos Martins e Esperança Lopes Valente, todas d'Ovar.

Dia 7—Approvedas—Gumercinda Franco Pinho Gaioso, Izabel Pinho da Cruz, Lydia Alves da Cruz e Margarida Rodrigues da Graça, todas d'Ovar.

Dia 8—Approvedas—Maria Alexandrina da Silveira Abreu, Maria Aidé Nunes de Mattos, Maria Amelia d'Oliveira Manta e Maria Emilia Cerveira, todas d'Ovar.

D'a 10—Approvedas—Maria Izabel Baleizão Ramos, Maria José d'Assumpção, Maria Judith de Figueiredo e Rosalina da Piedade Silva, d'Ovar.

No dia 11 fizeram prova escrita 22 alumnos d'Espinho, sendo todos admittidos á prova oral.

ALMA HUMANA

Eu conheci uma romanzeira que pela primavera, todos os annos, se enfeitava com delicadas flôres cheias de brilho, de graciosidade e viveza. Mas a primavera passava, as flôres desconsoladamente cahiam, e nunca, como se fosse maldita, a romanzeira deu fructo. E' que, desprezando-a, nem o vento, nem as abelhas, nem as borboletas; nunca, nenhum insecto ou nenhuma brisa lhe trouxe aquella sêde de amor o polen fecundante, o masculino pó creadôr! Assim, quando as outras irmãs pelos pomares e pelas veigas em fóra se ostentavam cheias de orgulho, na prole dos fructos maduros, a pobre esteril sem viço, descarnadamente, quase escondia o tronco inutil apenas cheio de folhas... Ah! quando as outras noivavam, eram esposas e mães, ela, que desconsolo, que desconsideração, que afronta, nunca passava de virgem... E como lagrimas as suas flôres infecundas cahiam na terra, todas as primaveras, todos os annos!

Um dia, tive pena da desditosa. Com mil cuidados colhi em outra o precioso jerme, o polen fecundador que nas suas flôres femininas depositei amorosamente.

O verão passou, e pelo outono fui vel-a. Lá estava prenhe de fructos, gracioza, verdadeiramente radiante. Era mãe, e com que intraduzil orgulho—ela ostentava ao sol d'ouro os seus flancos saudáveis, na apojadura da seiva nutrindo os filhos. E como era mais bela, mais agradável e mais feliz... Ah! meu amor! Como se afastam de Deus, da natureza e da belleza aquellas de vós que se isolam na tunica de Nessus da virjndade exclusiva! Na sua couraça são como era a romanzeira sem fructo, inutil e envergonhada na sua esterilidade de virjem, e de abandonada do amor. Fojem da vida para a estreiteza do que consideram ser a virtude, como se Deus tivesse creado a virjem apenas para levar á vermina, ao pó da terra a castidade infecundada. Não! Não! O amor creadôr, o amor jerador é a eterna, a imprescritivel lei, tanto para ti como para a arvore—para todas as coisas creadas—que todas d'ele surjiram, do mesmo polen ou da mesma celula procreadora.

Minusculus.

INDICACÕES UTEIS

CORREIO

Continente, Ilhas, Africa e Hespanha

Cartas: até 20 grammas ou fracção 25 réis.

Jornaes: cada 50 grammas ou frac. 2 1/2 réis.

Registo: além do respectivo porte 50 réis.

Vales: por cada 50000 réis ou frac. 25 réis.

Encomendas postaes: Continente e Ilhas,

200 réis até 3 kilos, 250 réis até 4 kilos

e 300 réis até 5 kilos.

Amostras: Cada 50 grammas ou fracção, 5

réis. Limite de peso 250 grammas.

Telegrammas: no paiz, taxa fixa 50 réis,

por palavra 10 réis.

Brazil e mais paizes estrangeiros,

excepto Hespanha

Cartas: até 20 grammas 50 réis.

Por cada 20 grammas a mais ou fracção

30 réis.

ARMAZEM DE LANIFICIOS E FAZENDAS BRANCAS

DE
ALVES CERQUEIRA

PRACA — OVAR

N'este estabelecimento vendem-se todos os artigos de lanificios e de fazendas brancas por preços commodos.

Grande sortido de toalhas de Guimarães, lençoes de banho, guardasoes e chapéus.

Agencia das importantes Companhias de Seguros — Probidade e Indemnizadora — e do Banco Commercial de Lisboa.

GRANDE DEPOSITO DE AZEITE

DE
JOSÉ RODRIGUES FIGUEIREDO

NA
RUA DAS FIGUEIRAS — OVAR

Tem sempre, para revenda, azeites das mais finas qualidades e de magnifico paladar, do Douro, Beira Alta, Beira Baixa e Elvas, que vende a preços relativamente baratos.

MERCEARIA VALENTE

PRAÇA — OVAR

Além d'outros artigos de mercearia, encontra-se á venda n'este estabelecimento toda a qualidade de vinhos do Porto e Madeira, manteigas recebidas directamente das melhores fabricas de Cambra.

Variado sortido de ferragens, tintas e vernizes.

PREÇOS SEM COMPETENCIA

Ernesto Zagalo de Lima
PHARMACEUTICO

Rua da Praça — OVAR

Domingos da Fonseca Soares

COM
ARMAZEM D'ARROZ
NA

Rua de S. Bartholomeu — OVAR

Salvador & Irmão

RUA DA GRAÇA — OVAR

VENDEM

Arroz nacional de todas as qualidades, milho nacional e estrangeiro e mais cereaes de produção nacional.

A PREÇOS BARATOS

MANUEL DA SILVA

BONIFACIO & C.^a

COM

DEPOSITO

DE

Arroz nacional, cereaes e legumes seccos.

Rua de Santo Antonio — OVAR

CASA CERVEIRA

FURADOURO

Hotel—Café e Bilhar

Bons commodos, bom tratamento a preços modicos.

Aberto de 1 de Julho a 20 de Novembro.

CASA CERVEIRA

PRAÇA — OVAR

Mercearia, miudezas, vinhos finos e bebidas de todas as qualidades.

Grande deposito de esteios de lousa, para vinha e vedações.

Tanques de lousa para agua, bancas de lousa para cozinha, por preços inferiores aos do Porto, por contracto com uma importante fabrica de Vallongo.

Grande sortimento de livros escolares e litteratura, encarregando-se de mandar vir com toda a rapidez, toda e qualquer obra, nacional ou estrangeira, sem augmento de preço.

Agencia de todas as casas editoras, tomando assignatura de qualquer obra.

TANOARIA

ARMAZENS DE VINHOS

EM

OVAR—Rua das Figueiras

DE

Carrelhas & Filho, Successor

Vinhos maduros, verdes (tintos e brancos) e finos.

Alcool, aguardente de vinho e bagaceira, geropigas finas e baixas.

Vinagres tinto e branco.

Na sua conhecida TANOARIA, faz toneis, pipas, meias pipas, barris de quinto, decimo e tudo o mais concernente á mesma, garantindo a solidez e perfeição dos seus trabalhos.

Tudo a preços convidativos.

HORARIO DOS COMBOYOS

DO PORTO A OVAR E AVEIRO

DESDE 15 DE MAIO

	Comboyos	Tr.	Om.	Tr.	Rap.	Tr.								
							Tr.	Exp.	Tr.	Rap.	Tr.	Tr.	Cor.	
MANHÃ	S. Bento	5,19	6,35	7	8,50	9,39	TARDE	1,55	2,45	3,33	5	5,15	6,26	8,45
	Espinho	6,20	7,30	8	9,28	10,48		2,55	3,40	4,31	5,39	6,22	7,26	9,46
	Esmoriz	6,36	7,38	8,16	—	11,2		3,11	—	4,46	—	6,38	7,42	9,53
	Cortegaça	6,42	—	8,22	—	11,7		3,17	—	4,52	—	6,44	7,48	—
	Carvalh.ª	6,48	—	8,28	—	11,11		3,23	—	4,59	—	6,50	7,54	—
	OVAR	6,58	7,52	8,38	—	11,22		3,33	3,59	5,9	—	7	8,5	10,13
	Vallega	—	7,57	—	—	11,29		—	—	—	—	—	8,11	—
	Avanca	—	8,2	—	—	11,35		—	—	—	—	—	8,18	—
	Aveiro	—	8,36	—	10,6	12,16		—	—	—	6,14	—	8,58	10,55

DE AVEIRO E OVAR AO PORTO

	Comboyos	Tr.	Cor.	Tr.	Tr.	Tr.								
							Rap.	Tr.	Tr.	Om.	Tr.	Rap.	Om.	
MANHÃ	Aveiro	3,54	5,45	—	—	11	TARDE	2,5	—	—	5,34	—	9,55	10,23
	Avanca	4,37	—	—	—	11,39		—	—	—	6,9	—	—	—
	Vallega	4,43	—	—	—	11,43		—	—	—	6,14	—	—	—
	OVAR	4,51	6,23	7,20	10,10	11,54		—	4,15	5,35	6,23	7,25	—	11,4
	Carvalh.ª	5,2	—	7,31	10,21	12,4		—	4,26	5,46	—	7,36	—	—
	Cortegaça	5,7	—	7,36	10,26	12,8		—	4,31	5,51	—	7,41	—	—
	Esmoriz	5,13	6,37	7,42	10,33	12,13		—	4,37	5,57	6,38	7,47	—	11,18
	Espinho	5,30	6,46	7,59	10,51	12,30		2,39	4,54	6,14	6,51	8,4	10,34	11,28
	S. Bento	6,24	7,47	9,2	11,54	1,47		3,18	5,58	7,15	8,1	9,3	11,16	21,26

RELOJOARIA

Serve magnificamente em seriedade de transações e em perfeição de trabalho a de Augusto da Cunha Farraia.

Ovar—Rua da Praça

Vinhos tintos, brancos e geropigas

Directamente recobidos das propriedades do Ill.^{mo} Snr. Manoel Valente de Almeida, vendem-se a retalho no estabelecimento de Augusto da Cunha Farraia.

Companhia de Seguros "Portugal,"

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada

Capital Rs. 1.600:000\$000

Emittido 320:000\$000

EFFECTUA

SEGUROS TERRESTRES

contra

Fogo, incluindo o proveniente de raio ou explosão de gaz, sobre moveis, propriedades e estabelecimentos em todo o reino

E

SEGUROS MARITIMOS

contra

Avaria grossa e particular

Séde em Lisboa

Agente no Porto: José Ribeiro Borges

EM OVAR: Dá informações sobre esta importante Companhia Fernando Arthur Pereira, na tanoaria Carrelhas—Rua das Figueiras.